

FALA E ESCRITA: PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MACIEL, Débora Amorim Gomes da Costa – UPE

GT-10: Alfabetização, Leitura e Escrita

É proposta dos documentos oficiais que no ensino de língua materna as relações fala–escrita sejam tratadas desde os anos iniciais do ensino fundamental. Os livros didáticos também recebem orientações no sentido de trazer em seus conteúdos propostas que abordem a questão. O Programa Nacional do Livro Didático, que cuida da avaliação e indicação dos desses livros, tomam a questão das relações fala – escrita como um dos critérios de aprovação dos manuais no Guia do Livro Didático e indicação dos mesmos para a aquisição pelas escolas.

O livro didático se configura, muitas vezes, como único material de acesso ao conhecimento, tanto por parte dos professores que buscam a legitimação de seu trabalho e apoio para suas aulas, quanto por parte dos alunos que se deparam com diferentes estratégias de aprendizagem. A escola, principal responsável pelo ensino, concebe o livro (didático ou não) como um instrumento fundamental, um material essencial na realização das funções pedagógicas exercidas pelo professor (Cf. SILVA, 1996; LAJOLO, 1996, BATISTA, 1999).

Como podemos observar nas falas dos autores, os manuais didáticos ainda são uma referência para a organização e sistematização do ensino nas salas de aulas e, no que se refere ao ensino da língua portuguesa, são suportes que auxiliam no letramento escolar. Este fato, aponta-nos para a necessidade de conhecer melhor esse impresso que se converteu na principal referência para a formação. Essa realidade nos motivou a analisar as estratégias didáticas adotadas pelos textos do saber para tratar as relações fala–escrita, considerando a escassez de pesquisas que investigam tal eixo de análise direcionado para as séries iniciais.

Para a nossa investigação, foram escolhidas as coleções¹: Português uma Proposta para o Letramento (C1) e Vitória Régia–Língua Portuguesa (C2), ambas indicadas com Distinção pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2004). Em seus fundamentos teóricos, essas coleções explicitam embasar-se em uma proposta de língua como interação, evidenciando a necessidade de se trabalhar a dimensão textual e

¹ Neste estudo, identificamos os livros didáticos e manuais de professor por siglas, numerais e letras a eles associados, o que indicará os livros, as coleções, a série e a página onde aparecem as atividades ou determinados conteúdos. Por exemplo, (LD) Livro Didático; (C1/L1/U1:20) refere-se à Coleção Português uma Proposta para o Letramento (para efeito de simplificação C1), 1ª série, 1ª Unidade, Página 20; (MP/C1/L1:63), refere-se a Manual do Professor, Coleção 1, Livro 1, Página 63.

discursiva da língua, contemplando as relações fala–escrita como processo de interação entre os sujeitos.

Optamos por trabalhar com coleções de livros de 1ª a 4ª séries/ciclos por entendermos que, mesmo nos anos iniciais de escolarização, a criança realiza reflexões sobre os fenômenos da língua, devendo estar, portanto, em contato com diferentes práticas discursivas da oralidade, a fim de ampliar a sua competência comunicativa.

Para apreciação do fenômeno investigado, submetemos as coleções a uma análise temática de conteúdo (BARDIN, 1997), com base em uma abordagem qualitativa dos dados, a qual, segundo Minayo (1999, p.21), compreende “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, avançando no sentido de buscar contemplar de forma aprofundada o mundo dos significados das ações e relações humanas. Acreditamos que os elementos citados pela autora encontram-se nas falas, nos documentos e em qualquer texto produzido por seres humanos, assim sendo, os livros didáticos se inserem nesse campo de análise.

Para que o leitor possa compreender nosso objeto de investigação, recortamos exemplos de atividades dispostas no manual do aluno, bem como os comandos de realização dessas atividades, indicadas no manual do professor (MP). Antes, porém, trataremos os pressupostos teóricos que norteiam o nosso objeto de investigação.

1- Fala e escrita: perspectivas de análise

É um lugar comum no debate acerca do ensino de língua o fato de a adoção das **concepções de linguagem** ser um ponto central na estruturação da prática pedagógica, tendo em vista que o próprio ensino de língua vem sendo repensado de modo a adequar-se às mudanças teóricas, sobretudo no que se refere à adoção da perspectiva sócio-interacionista da língua (TRAVAGLIA, 1995).

A linguagem pode ser concebida sob três perspectivas, a **estruturalista** - que compreende a linguagem como expressão do pensamento; a **transformacionalista** – que compreende a linguagem como instrumento de comunicação; e a **enunciativa** – que concebe a linguagem como processo de interação. A terceira perspectiva representativa da proposta da concepção sócio-interacionista, responde as demandas exigidas por tal concepção, visto que trata a fala e a escrita sob a óptica do contínuo dos gêneros textuais (MACUSCHI, 2002).

É no contínuo dos gêneros que a fala e a escrita assumem aproximações e distanciamentos. Essa perspectiva afirma que, de fato, há gêneros textuais da oralidade que se assemelham aos gêneros textuais da escrita e tantos outros da escrita que se assemelham aos da oralidade, assim como há determinados gêneros textuais de cada uma das modalidades que se afastam dos seus respectivos protótipos, tendo em comum apenas o fato de ser ou do domínio oral ou do escrito.

As comparações dicotômicas da linguagem oral e da linguagem escrita tendem a considerar gêneros diferenciados, apresentados em modalidades distintas, cujos processos de produção, condições de produção e objetivos, entre outros elementos, se distinguem. Exemplificando a dicotomia, podemos comparar uma ‘conversa informal’ entre amigos (protótipo da linguagem oral) e um ‘artigo acadêmico’ (protótipo da linguagem escrita), pertencentes a fenômenos discursivos “a priori” distintos. Entretanto, se buscarmos o movimento de aproximação entre os gêneros textuais, podemos analisar uma ‘conferência’ (representando a linguagem oral) e um ‘artigo acadêmico’, ou uma ‘conversa informal’ e um ‘bilhete familiar’. Assim, certamente, encontraremos semelhanças entre as modalidades discursivas (BORTONI-RICARDO, 2004, MARCUSCHI, 2001, KOCH, 2002).

Para Tannen (1983), as diferenças formais entre os gêneros textuais se dão em função do próprio gênero e do registro lingüístico, e não em função da modalidade. Conforme Marcuschi (2001) é o contínuo dos gêneros que distingue e correlaciona os textos de cada modalidade de uso da língua, considerando aspectos tais como, as estratégias de formulação, a seleção lexical, o estilo, o grau de formalidade etc. Para Tannen (1983), o **envolvimento interpessoal** também interfere nas estratégias discursivas e Bakhtin (1997), aprofundando essa discussão toma a questão das **representações sociais** como fatores que condicionam o ajustamento na estruturação do texto produzido pelo falante para o seu ouvinte. Assim temos as relações interpessoais e as relações de poder condicionando o grau de (in)formalidade do discurso.

Travaglia (1997, p.53) chama-nos a atenção para o caso da variação da língua escrita, afirmando que esta também pode apresentar variedades dialetais, embora sejam em número menor e se apresentem de forma menos explícita que na língua falada, isso porque as diferenças prosódicas, fonéticas entre outras, desaparecem no escrito. Assim, a compreensão equivocada de que a língua escrita é uma réplica exata da língua oral não se sustenta, pois “a escrita, vista como sistema de notação da língua oral, adquire um caráter incompleto e inexato” (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004).

Diante das discussões sobre a fala e a escrita, os princípios gerais do Programa Nacional do Livro Didático, que norteiam a área de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental indica que um dos objetivos de reflexão sobre a língua é tratar das relações entre a fala e escrita. A proposta concebe a relação entre as modalidades de uso da língua dentro de um quadro de inter-relações, sobreposições, gradações e mesclas, superando o mito de supremacia social e cognitiva da escrita sobre a oralidade. Nesse sentido, buscamos investigar as estratégias didáticas propostas pelas coleções analisadas, de modo a compreender se tratam as relações da fala e da escrita como propõem os documentos oficiais.

3- Fala e Escrita: análise dos manuais didáticos

As atividades aqui analisadas foram destacadas, em meio as propostas das coleções, para que possamos refletir sobre os encaminhamentos ofertados para o trabalho com a relação fala-escrita. Dessa forma, visamos compreendermos se as atividades oportunizam a compreensão das relações de proximidade e distanciamento existente nas duas modalidades de uso da língua.

Vejamos como através do gênero textual **entrevista** a C2 aborda a questão das relações entre a fala e a escrita:

Exemplo 01:

*(C2/L1/U3:72) **fragmento 1** - “Meu nome é Celina Tembé porque sou da tribo Tembé. Estou começando a aprender a língua de nossa tribo. Gosto de viver perto do rio, quero ficar aqui o resto da vida...”*

(C2/L1/U3:77) Como você pode observar, o texto de Celina está entre aspas (“ ”). Isso deveria significar que a pessoa que o escreveu reproduziu integralmente, fielmente, as palavras de Celina. No entanto, percebe-se que isso não ocorreu, pois o texto não apresenta as marcas próprias da fala, mas sim as marcas próprias da escrita. A seguir, leia como, possivelmente, Celina teria falado sobre ela.

*(C2/L1/U3:77) **fragmento 2** **Eu** me chamo Celina, Celina Tembé. **Eu** sou da tribo*

*Tembé. **Eu tô** começando a aprender a língua da tribo Tembé. **Eu** gosto de viver perto do rio. **Eu** quero ficar aqui o resto da vida. **Eu** adoro a floresta. **Eu** foco triste quando as pessoas derrubam as árvores das florestas (...)*

Observem que, na linguagem falada, geralmente costumamos:

- ✓ *Usar frases curtas para expor as idéias, uma a uma, sem estabelecer muita relação entre elas;*
- ✓ *Repetir palavras, expressões e até mesmo frases;*
- ✓ *Usar uma linguagem mais simples, menos elaborada;*
- ✓ *Reduzir alguns sons das palavras.*

(MP/C2/L1/U3:47) A questão (...) chama a atenção para a relação linguagem escrita linguagem oral. Para isso, reproduz-se o possível depoimento oral de Celina, com as características próprias da fala. Nessas atividades, espera-se que os alunos desenvolvam competências que permitam:

- a) *distinguir aquilo que é específico da linguagem escrita;*
- b) *perceber diferenças entre a linguagem escrita e oral;*
- b) *analisar e refletir sobre recursos lingüísticos próprios da escrita.*

Nesta atividade a C2 traz, no primeiro fragmento, o recorte de uma entrevista publicada em uma revista direcionada ao público infantil. A partir desse fragmento, a questão indica ao aluno que o texto apresentado na revista não condiz com o texto falado espontaneamente pela entrevistada, visto que, por aquele estar entre aspas, deveria apresentar as marcas próprias da oralidade e não as da escrita. Inicialmente a C2 não deixa evidente o que está chamando de “marcas próprias da escrita”, embora dê a entender que esteja tomando a **ausência de repetições** e os **elementos que dão encadeamento ao texto** como marcas da escrita. As inferências apontam para esse entendimento, já que a C2, ao tentar produzir a fala no fragmento dois, retira os elementos conectivos e insere repetições forçadas para sinalizar a presença de marcas, que diz ser “próprias da oralidade”.

Ao confeccionar uma fala que não tenha sofrido qualquer tipo de edição na passagem para a versão escrita, a C2 artificializa o discurso deixando-o com uma estrutura de texto cartilhado, fragmentado, apresentando de modo forçado a repetição do

pronome *Eu* e a contração do verbo estar = *Tô*, na tentativa de tornar essa versão próxima da fala real. Nesse sentido, a atividade evidencia a língua falada enquanto possuidora de uma estrutura simples ou mesmo desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto, enquanto a escrita é apontada como tendo uma estrutura complexa, formal e abstrata, estabelecendo assim polarizações entre fala e escrita (FÁVERO, 2000).

Dessa forma, a C2 nos remete à concepção estruturalista que toma a linguagem como expressão do pensamento, submetendo a regras estabelecidas pelas gramáticas normativas que definem a fala e a escrita corretas. Também há indícios de uma visão de linguagem transformacionalista, visto que a atividade demonstra compreender a linguagem como um código a ser dominado pelos falantes a fim de que a comunicação seja realizada (TRAVAGLIA, 1995). Assumindo essas teorias, a C2 se contrapõe a concepção de língua enunciativa, a qual afirma seguir em seu discurso teórico.

A atividade também parece não atentar para o fato de que o primeiro fragmento possa ser a fala literal do sujeito entrevistado, já que este poderia ter se preparado para a entrevista e a sua fala estar mais próxima da norma padrão, ou mesmo de um texto escrito guiado por essa norma. Como afirmam Dolz e Schneuwly (2004) um texto falado pode apresentar uma grande proximidade com o texto escrito como, por exemplo, uma conversa informal e um bilhete familiar que, embora produzidos em modalidades diferentes, possuam semelhanças. A entrevista escrita, por exemplo, pode ou não conter marcas da oralidade, da mesma forma que uma entrevista falada ao vivo pode se aproximar de um discurso formal, seja oral ou escrito. Essa perspectiva de análise desestabiliza o conceito trazido pela C2 nesta atividade e dimensiona a análise da relação fala-escrita para suas múltiplas relações.

Conforme Marcuschi (2001), a oralidade e a escrita possuem características próprias, assim, a escrita não consegue reproduzir fenômenos orais tais como os gestos, as prosódias, os movimentos corporais e faciais, por outro lado, a fala não consegue representar elementos significativos da escrita como, por exemplo, o tamanho das letras, cores e formatos. Entretanto, a escrita resgata elementos da oralidade através de marcas gráficas, por exemplo, o ponto de exclamação, o ponto de interrogação, etc. Fato este que a atividade parece ignorar.

No MP encontramos afirmações de que a questão foi direcionada para que o aluno percebesse (MP/C2/L1/U3:47) *a relação linguagem escrita linguagem oral*. Com esse propósito, aponta algumas habilidades a serem apropriadas (MP/C2/L1/U3:47) a)

distinguir aquilo que é específico da linguagem escrita; b) perceber diferenças entre a linguagem escrita e oral. No entanto, como podemos notar, tais habilidades incidem na reflexão sobre as diferenças entre a fala e a escrita e não nas relações entre elas, como propõe o comando. Sendo assim, a atividade apresenta lacunas no sentido de estabelecer uma prática significativa, dificultando o processo de reflexão por parte dos alunos e aumentando a responsabilidade do professor no sentido de intervir com clareza no aprofundamento da questão.

Em busca de refletir sobre a relação fala-escrita em seus múltiplos contextos de produção, a C1 traz em uma de suas atividades o trabalho com o gênero carta. Os encaminhamentos vêm sugerir uma proposta diferenciada da que podemos observar na atividade proposta pela C2, acima analisada. A seguir, observemos como se deu a condução da atividade:

Exemplo 02:

(C1/L4/U2:81,82) Ângela,

Depois que você foi embora para Ribeirão Preto, eu fiquei um tempão andando pela casa que nem barata tonta, achando tudo muito engraçado...

Observe que Marisa escreve como se estivesse conversando com Ângela. Se ela estivesse falando com Ângela, e não escrevendo para Ângela, com certeza falaria assim mesmo como escreveu? Imaginem se a frase tivesse começado assim:

Ângela,

Depois que você partiu tudo aqui se tornou muito tedioso. Sinto-me muito entediada por ter de esperar as próximas férias para que possamos nos encontrar de novo...

Vocês acham que Marisa conversaria assim com Ângela? Por que sim ou por que não?

(MP/ C1/L4/U2:81,82) O objetivo das atividades é que, pela observação do texto e de outros exemplos, os alunos intuam que língua oral e língua escrita não se diferenciam de forma absoluta: o uso, na carta, de registro coloquial ou formal depende do destinatário e do objetivo da carta. 1- Ler e discutir com os alunos as modificações feitas na linguagem da carta.

A atividade acima simula uma situação de interação face a face, em que o envolvimento entre os interlocutores propicia um registro guiado pela informalidade (1ª

versão da carta) e outro guiado pela formalidade (2ª versão da carta). Vemos que, na segunda versão da carta, há um apagamento das expressões “*tempão andando*” e “*barata tonta*” cuja função seria promover maior proximidade interacional, sendo o texto reformulado para “*Depois que você partiu tudo aqui se tornou muito tedioso. Sinto-me muito entediada por ter de esperar as próximas férias para que possamos nos encontrar de novo...*” no qual foram apagadas as marcas de proximidade, usada no primeiro exemplar da carta, tipicamente de uma conversação informal.

Se considerarmos a afirmação de Tannen (1985) de que, no gênero carta, a mensagem figura como elemento secundário, se comparada ao envolvimento entre os sujeitos, podemos afirmar que a atividade analisada contribui para que o aluno perceba que a leitura de uma carta depende, em parte, do reconhecimento das estratégias de proximidade, as quais dão ao leitor a impressão de estarem juntos um do outro. Nessa perspectiva, a C1 mostra para o aprendiz que, embora a relação entre a fala e a escrita apresente suas especificidades, a relação de proximidade ou distanciamento entre os interlocutores contribuem para as aproximações entre o texto oral e o texto escrito, quando analisados no contínuo.

Encontramos na C2 um grande investimento de gêneros que tratam das culturas populares. Entre as propostas de atividades, há alguns exercícios que se propõem trabalhar a fala e a escrita através do gênero textual lenda. A atividade abaixo traz um recorte de como a proposta de ensino se realiza, vejamos:

Exemplo 03:

(C2/L3/U3:20) As histórias que você vai ler agora fazem parte do folclore africano e do folclore dos aborígenes australianos. Conheça-as.

NAPI, OS HOMENS E OS ANIMAIS

No início do mundo nasceu o Sol, e depois desse surgiu Napi, o criador, o guardião da vida. Um dia Napi descansava perto de uma fonte. Olhou para a terra úmida e teve uma idéia: pensou que seria divertido muldar pequenas criaturas de argila...

(História do folclore africano – Lá vem a história: contos do folclore mundial, Editora companhia das letrinhas).

O TERRÍVEL HOMEM-GATO

Kininie-Ger era um monstro com cabeça de gente e corpo de gato. Insensível, devorava crianças, animais ou o que quer que surgisse em seu caminho. Os homens da tribo Canguru revezavam-se montando guarda à noite para evitar que alguém fosse comido pelo monstro...

(História do folclore australiano - Lá vem a história: contos do folclore mundial, Editora companhia das letrinhas).

Discuta com sua professora e colegas

De acordo com essa história, quem criou os animais que vivem sobre a terra?

Por que, segundo a história, o homem continua até hoje, procurando novos lugares para morar?

Se as lendas fazem parte do modo como um povo tenta entender e explicar fatos da vida, é possível afirmar que a história “Napi, os homens e os animais” seja uma lenda?

Por quê?

(MP/ C2/L1/U/:32) Pode-se ampliar essa atividade, gravando a narração da lenda em fita cassete para que, depois, possa ser ouvida e comparada com a versão escrita.

Espera-se que os alunos cheguem às seguintes conclusões quanto a aspecto da linguagem escrita e da linguagem oral das lendas:

- a) a seleção do que se diz quando se escreve: evitam-se as dúvidas, as repetições e as hesitações;*
- b) a escrita deve primar pela clareza, pois não pode, como na oralidade, ser acompanhada de gestos, expressões faciais, entonações;*
- c) Há um esforço maior, na escrita, para ordenar as idéias e hierarquizá-las;*
- d) é preciso dedicar-se à preparação do que se vai escrever: roteiro prévio, construção de texto, revisão etc.*

Podemos observar, através desta atividade, o enfoque que a C2 dá ao gênero lenda. A proposta inicial concentra-se na leitura das lendas e discussão do texto com os alunos e o professor. A tarefa visa estimular a interação cotidiana em sala de aula, sendo este evento orientado por questões cujo núcleo é o resgate das informações contidas no

texto. Essa característica de exploração é percebida em todos os momentos em que o gênero lenda é abordado pela coleção.

No desenvolvimento da tarefa, o aluno é orientado a refletir sobre as características do gênero, através do seguinte questionamento (C2/L3/U3:20) *Se as lendas fazem parte do modo como um povo tenta entender e explicar fatos da vida, é possível afirmar que a história “Napi, os homens e os animais” seja uma lenda? Por quê?* Neste recorte, vemos a C2 apontando, de forma sucinta, características que definem o gênero lenda e conduzindo a reflexão sobre o texto. Dessa forma, oportuniza o aluno identificar, no texto trabalhado, os elementos que sinalizam a lenda como uma criação popular que represente a visão de um povo.

No MP encontramos sugestão de ampliação da atividade, em que é sugerida a audição de fitas, no intuito de trabalhar a comparação da lenda na versão oral e escrita (MP/C2/L1/U3:32) *Pode-se ampliar essa atividade, gravando a narração da lenda em fita cassete para que, depois, possa ser ouvida e comparada com a versão escrita.* Como sabemos, o uso da gravação e audição de fitas é um dos recursos que favorece a reflexão sobre o gênero textual presente nas duas modalidades de uso. Podendo ser ampliado para o trato com diferentes gêneros textuais, sistematizando uma reflexão sobre a língua (MARCUSCHI, 2001).

Através da comparação das versões oral e escrita da lenda, a C2 pontua alguns elementos que objetiva ver o aluno compreender. Entre eles, podemos destacar a ênfase na clareza da escrita em comparação à fala, atribuindo a primeira um maior cuidado na ordenação das idéias e um afrouxamento da segunda no ato de sua produção. Decorre disso alguns mitos estabelecidos socialmente, entre eles o de que a fala é dependente, não planejada, fragmentária, o lugar do “caos”, enquanto que a escrita se configura como autônoma, explícita, precisa. Por este discurso, a C2 reforça o princípio de análise da fala–escrita tomando o oral espontâneo ou o falar diário, comparando-o a uma escrita formal, já tendo passado por um processo de releitura e revisão.

De acordo com Dolz & Schneuwly (2005, p. 158), focar-se sob o “aspecto caótico” da linguagem oral e tomou como referência o discurso organizado pela escrita é contemplar tão somente as “hesitações, titubeios, reformulações, retomadas ecóicas, balbucios, falsos inícios e falsas cadências, fáticos onipresentes, início de turnos abortados, quebras, interrupções, latidos, suspiros”. Observando esses elementos, nos concentramos no que por muitos autores é considerado como “a escória do oral espontâneo”. Conforme Marcushi (2001) é preciso compreender bem que oral e que

escrita estamos buscando relacionar para que a análise não se apóie em uma supremacia ou superioridade de uma modalidade em relação à outra. Portanto, a análise deve ter clareza quanto ao aspecto que se está comparando e considerar que esta relação não é homogênea nem constante.

Decorre de encaminhamentos como o dado pela tarefa acima, análises que tomam como referência elementos da fala e da escrita que pertencem a fenômenos discursivos “a priori” distintos, já que os processos e as condições de produção são diferenciados. Embora a C2 tenha trazido a lenda, ainda que sob formas distintas de realizações (escrita/oralizada, oralizada/transcrita), o destaque é dado aos diferentes recursos utilizados por cada modalidade, esquecendo-se de que, no continuum, a lenda escrita e a falada apresentam mais aproximações que diferenças no tocante ao grau de formalismo do registro.

São orientações inadequadas, como os trazidos nessa questão, que favorecem uma identificação e avaliação da fala com base na escrita em um “quadro de dicotomias estritas porque predomina o paradigma teórico da análise imanente ao código” (MARCUSCHI, 2001). Os encaminhamentos dados pela atividade induzem a um olhar dicotômico e centram a reflexão fora do continuum, demonstrando uma inconsistência no trato com as modalidades de uso da língua e desprezando o fato de que as funções do gênero textual são igualmente importantes para a sociedade.

A C1 também apresenta em sua proposta de ensino o trabalho com o gênero lenda. Trazemos para a análise o mesmo gênero abordado pela C2, para que possamos compreender qual o direcionamento da C1 no sentido de fazer o aluno compreender a relação fala-escrita:

Exemplo 04:

(C1/L2/U3:154) lembrem-se daquilo que o Negrinho do Pastoril disse ao capataz, antes de ser levado para longe pelo bando de passarinhos.

- alguns de vocês vão representar o Negrinho e dizer o que ele disse – sem consultar o texto!

- agora, leiam no texto o que o negrinho disse e tentem analisar as diferenças entre o que foi falado pelos colegas e o que está escrito.

- concluem: nem sempre a gente escreve como fala, nem sempre a gente fala como

escreve.

(MP/C1/L2/U3:154) será interessante que o professor registre no quadro - de- giz a fala de um dos alunos, para depois comparar mais facilmente o que foi falado com o que está escrito no texto. Discuta a conclusão com os alunos: há textos escritos de forma mais próxima como se fala, há situações em que as pessoas falam de forma próxima à escrita – dependendo o que se fala, onde, para quem, com que objetivo.

A tarefa acima é a culminância de uma seqüência de atividades proposta pela C1 para desenvolver uma análise da relação fala-escrita. No encaminhamento do trabalho, o aluno é orientado a representar o texto **Negrinho do Pastoril** para que a sua fala seja registrada. Diferente da C2 que sugere a gravação e audição da fita, a C1 pede que o professor anote a fala do aluno e posteriormente compare ao texto escrito. As duas formas de registrar são significativas, à medida que se oportuniza a observação das estratégias orais e escritas no desenvolvimento do texto em suas modalidades de uso.

A indicação da C1 é que, após a representação, o aluno venha a analisar as diferenças entre o texto escrito e o texto oralizado *(C1/L2/U3:154) agora, leiam no texto o que o negrinho disse e tentem analisar as diferenças entre o que foi falado pelos colegas e o que está escrito.* A proposta incide em uma reflexão que contempla a fala e a escrita, observadas em suas diferenças, porém, dentro do continuum. Visto que a discussão é norteada para a conclusão de que um texto oral ou escrito pode se aproximar, assim como, se distanciar. Fato este compreendido quando se percebe a efetivação das modalidades de uso da língua através dos gêneros textuais, alocados em contínuos de produções específicas.

Nessa atividade da C1, o aluno poderá identificar, além de elementos que possam aparecer no texto oral, tais como as hesitações, as repetições, as pausas, os elementos prosódicos; observar, também, o que o texto escrito oferta para representar os elementos multissistêmicos típicos das realizações orais, ou seja, atentar-se para a questão da multimodalidade, visto que a encenação pede a associação de diferentes recursos em sua execução (DIONÍZIO, 2005).

Enfocando a condição de proximidade entre o texto escrito e o oral, *(MP/C1/L2/U3:154) há textos escritos de forma mais próximas como se fala, há situações em que as pessoas falam de forma próxima à escrita – dependendo o que se*

fala, onde, para quem, com que objetivo, a C1 chama a atenção para os processos de enunciação que definem essa condição. Esses processos dão conta dos aspectos ligados ao conteúdo textual, à situação comunicativa, ao interlocutor e ao objetivo pretendido em determinada produção, resgatando o sentido das práticas sociais interativas entre os sujeitos.

4- Conclusões

Os dados analisados por nossa pesquisa evidenciam que, no processo de didatização das relações fala–escrita, as coleções apresentam traços diferenciados de encaminhamentos para a análise do objeto de estudo. Observamos que enquanto a C1 considera a relação fala–escrita na dimensão do contínuo tipológico dos gêneros textuais, respondendo a uma noção de língua sócio-interativa, a C2 direciona uma reflexão da língua falada do ponto de vista do que se espera de uma escrita ‘padrão’.

As polarizações aparecem como centro das atividades, deixando encaminhamentos que se sustentam em uma proposta de língua cujo foco é o ‘código’, contradizendo as bases teóricas do sócio-interacionismo, a qual declara seguir. As atividades analisadas da C2 deixam lacunas ao observa a língua falada e escrita operando através de gêneros textuais, desprezando as relações de aproximação que ocorrem entre o texto apresentado na modalidade oral e na modalidade escrita.

Evidenciamos, através de nossa pesquisa, a necessidade de se investigar com maior densidade as questão da relação fala–escrita, promovendo debates e investigações sistemáticas sobre a didatização do referido eixo de análise. As evidências demandam um debruçar constante sobre a teoria e um olhar reflexivo sobre a prática, em busca de compreender com maior clareza o objeto de saber a ser tratado em nossos espaços escolares, bem como as concepções que norteiam os manuais didáticos, que guiam as práticas docentes.

5- Bibliografias

- BAKHTIN, Michael. Língua, Fala e Enunciação. In BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad: Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdos**. Lisboa: Edições 70, 1997
- BORTONI-RICARDO, S. **Educação em língua materna** – A sociolingüística em sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- BRASIL-SEF/MEC. **Guia do livro didático**: 1ª a 4ª séries (PNLD 2004). Brasília: MEC/SEF, 2004.
- DIONISIO, A. A multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L, e DIONISIO, A (Org). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FÁVERO, Leonor L. **Oralidade e Escrita**: perspectiva para o ensino da língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.
- KOCH, Ingedore V. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- GOMES, Solange. **Coleção Vitória-Régia**. Campina Grande do Sul / PR. Lago. 2ª Edição, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Da Fala para a Escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez 2001.
- SCHNEUWLY, B, e DOLZ, J. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B, e DOLZ, J. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Campinas SP. Ed. Merca de letras, 2004.
- SOARES, Magda. **Português uma Proposta para o Letramento**. Editora Moderna: São Paulo, 1ª Edição, 1999.
- TANNEN, D. The oral/literate continuum in discourse. In: Deborah Tannen (Ed.). **Spoken and written language**: exploring orality and literacy. Norwood, NJ: Ablex, 1982b.
- TRAVAGLIA. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 3. ed. São Paulo. Cortez, 1995.